

**HABEAS CORPUS Nº 480.458 - SP (2018/0311761-9)**

**RELATOR : MINISTRO RIBEIRO DANTAS**  
**IMPETRANTE : DEFENSORIA PÚBLICA DO ESTADO DE SÃO PAULO**  
**ADVOGADOS : DEFENSORIA PÚBLICA DO ESTADO DE SÃO PAULO**  
**WAGNER RIBEIRO DE OLIVEIRA - SP265925**  
**IMPETRADO : TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO**  
**PACIENTE : LUIZ HENRIQUE DE TOLEDO JUNIOR (PRESO)**

**DECISÃO**

Trata-se de *habeas corpus* substitutivo de recurso próprio, sem pedido de liminar, impetrado em favor de **LUIZ HENRIQUE DE TOLEDO JUNIOR**, contra acórdão do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo.

Consta que o Juízo das Execuções Penais unificou as penas impostas ao agravante, diante de novas condenações, e, para a elaboração de novo cálculo para benefícios executórios, considerou a data do trânsito em julgado da última condenação.

Interposto agravo em execução, o Tribunal de Origem negou provimento ao recurso da defesa, nos termos da seguinte ementa (e-STJ, fl. 53):

"AGRAVO EM EXECUÇÃO - ALEGAÇÃO DEFENSIVA QUANTO A DATA DO INÍCIO DO CUMPRIMENTO DAS PENAS DEVER SER CONSIDERADA COMO MARCO INICIAL PARA OS LAPSOS DE BENEFÍCIOS, E NÃO A REFERENTE AO TRÂNSITO EM JULGADO DA ÚLTIMA CONDENAÇÃO PARA O MINISTÉRIO PÚBLICO.

CASO EM QUE, APÓS A UNIFICAÇÃO DAS PENAS IMPOSTAS, A DATA DO TRÂNSITO EM JULGADO PARA A ACUSAÇÃO, RELATIVA À ÚLTIMA CONDENAÇÃO, OU À MÍNGUA DESSE, A DATA DA ÚLTIMA DECISÃO CONDENATÓRIA É QUE DEVE SER CONSIDERADA COMO MARCO INICIAL DA CONTAGEM DOS LAPSOS PARA CONCESSÃO DE BENEFÍCIOS - PRECEDENTES NA JURISPRUDÊNCIA."

Alega a impetrante a existência de constrangimento ilegal, ao argumento de que "a Terceira Seção do Superior Tribunal de Justiça mudou entendimento anteriormente pacificado, passando a entender que 'sobrevindo o trânsito em julgado de nova condenação no curso da execução penal, por delito praticado antes ou após o início da execução da pena, não há alteração da data-base para a obtenção de eventuais direitos, permanecendo como marco a data da última prisão' (HC 398.846/ES)" (e-STJ, fl. 9).

Afirma, ainda, que o acórdão não estaria em consonância com a Súmula n. 441 do Superior Tribunal de Justiça.

Requer a concessão da ordem para que "seja reconhecida a ilegalidade da decisão que determinou a interrupção dos lapsos para progressão de regime e livramento condicional e determinar a elaboração de novo cálculo de pena, mantendo-se como data-base para livramento condicional o início do cumprimento da pena e, para progressão de regime, a última prisão ou eventual falta disciplinar de natureza grave" (e-STJ, fl. 9).

O Ministério Público Federal manifestou-se pelo não conhecimento do *habeas corpus* e pela concessão da ordem de ofício (e-STJ, fls. 64-68).

**É o relatório.**

Decido.

Esta Corte e o Supremo Tribunal Federal pacificaram orientação no sentido de que não cabe *habeas corpus* substitutivo do recurso legalmente previsto para a hipótese, impondo-se o não conhecimento da impetração, salvo quando constatada a existência de flagrante ilegalidade no ato judicial impugnado.

Passo à análise das razões da impetração, de forma a verificar a ocorrência de flagrante ilegalidade a justificar a concessão do *habeas corpus* de ofício.

Consta dos autos que o Juízo da Execução unificou as penas do paciente e considerou como termo inicial para o cálculo de benefícios futuros "a data do trânsito em julgado da condenação superveniente, ou a dessa própria decisão condenatória como marco inicial" (e-STJ, fl. 54).

O Tribunal de Justiça, ao negar provimento ao agravo em execução interposto pela defesa, consignou que (e-STJ, fls. 55-58):

"Ocorrendo o trânsito em julgado de condenação por cometimento de delito doloso, certo é que, a partir de tal, se dê o início da contagem dos prazos para fim de benefícios.

[...]

E tal determinação deve ser aplicada no caso concreto, ainda que a prática de novo delito não tenha se dado durante o cumprimento das penas, nem configurado a prática de falta disciplinar de natureza grave.

Assim, não há que se falar que a data da prisão seja o marco inicial para o cálculo das frações necessárias para benefícios."

Sobre o tema em debate, ressalte-se, desde logo, que as Turmas que compõem a Terceira Seção desta Corte tinham, ambas, pacífico entendimento de que, em caso de superveniente condenação definitiva imposta ao sentenciado, decorrente de fato anterior ou posterior ao início da execução penal, a contagem do prazo para concessão de benefícios era interrompida e deveria ser feito novo cálculo, com base no somatório das penas.

Tal posicionamento, contudo, estabelecia, como termo *a quo* para concessão de futuros benefícios, a data do trânsito em julgado da última sentença condenatória.

Entretanto, no julgamento do Recurso Especial n. 1.557.461/SC, de relatoria do Ministro ROGERIO SCHIETTI CRUZ, publicado em 15/3/2018, a Terceira Seção deste Superior Tribunal modificou sua linha jurisprudencial sobre a matéria, passando a adotar parâmetro distinto, conforme revela a ementa do aludido precedente:

"RECURSO ESPECIAL. EXECUÇÃO PENAL. UNIFICAÇÃO DE PENAS. SUPERVENIÊNCIA DO TRÂNSITO EM JULGADO DE SENTENÇA CONDENATÓRIA. TERMO *A QUO* PARA CONCESSÃO DE NOVOS BENEFÍCIOS. AUSÊNCIA DE PREVISÃO LEGAL PARA ALTERAÇÃO DA DATA-BASE. ACÓRDÃO MANTIDO. RECURSO NÃO PROVIDO.

1. A superveniência de nova condenação no curso da execução penal enseja a unificação das reprimendas impostas ao reeducando. Caso o

*quantum* obtido após o somatório torne incabível o regime atual, está o condenado sujeito a regressão a regime de cumprimento de pena mais gravoso, consoante inteligência dos arts. 111, parágrafo único, e 118, II, da Lei de Execução Penal.

2. A alteração da data-base para concessão de novos benefícios executórios, em razão da unificação das penas, não encontra respaldo legal. Portanto, a desconsideração do período de cumprimento de pena desde a última prisão ou desde a última infração disciplinar, seja por delito ocorrido antes do início da execução da pena, seja por crime praticado depois e já apontado como falta disciplinar grave, configura excesso de execução.

3. Caso o crime cometido no curso da execução tenha sido registrado como infração disciplinar, seus efeitos já repercutiram no bojo do cumprimento da pena, pois, segundo a jurisprudência consolidada do Superior Tribunal de Justiça, a prática de falta grave interrompe a data-base para concessão de novos benefícios executórios, à exceção do livramento condicional, da comutação de penas e do indulto. Portanto, a superveniência do trânsito em julgado da sentença condenatória não poderia servir de parâmetro para análise do mérito do apenado, sob pena de flagrante *bis in idem*.

4. O delito praticado antes do início da execução da pena não constitui parâmetro idôneo de avaliação do mérito do apenado, porquanto evento anterior ao início do resgate das reprimendas impostas não desmerece hodiernamente o comportamento do sentenciado. As condenações por fatos pretéritos não se prestam a macular a avaliação do comportamento do sentenciado, visto que estranhas ao processo de resgate da pena.

5. Recurso não provido". (REsp 1.557.461/SC, Rel. Ministro ROGERIO SCHIETTI CRUZ, TERCEIRA SEÇÃO, julgado em 22/2/2018, DJe 15/3/2018).

Naquela oportunidade, proferi voto vogal - abaixo parcialmente transcrito - que delineia as balizas da nova diretriz pretoriana, no que tange à fixação da data-base para a aquisição de benesses na execução, após a unificação de penas:

"[...] Existem pelo menos quatro modalidades de fixar a data-base que aparecem de forma recorrente em decisões nos tribunais, adotados de acordo com o caso concreto: **a)** data da última prisão; **b)** data da soma de penas; **c)** data do cometimento do delito ou **d)** data do trânsito em julgado da última condenação.

Entendo que a questão requer estudo detalhado, uma vez que, a depender do marco considerado para progressões futuras, pode-se alongar, e muito, o tempo de prisão em um regime mais gravoso, violado o sistema progressivo da execução e contribuindo sobremaneira para a superlotação carcerária, mantendo-se por mais tempo o encarceramento.

Assim, diante das várias interpretações possíveis, deve-se optar, no caso concreto, por aquela que mais garante o direito à liberdade do reeducando. [...]

Importante consignar que prática de falta grave no curso da execução interrompe o prazo para a progressão de regime na data do fato e não na data posterior que reconhece a infração. Entendimento já firmado no enunciado da Súmula 543 do STJ:

'A prática de falta grave interrompe a contagem do prazo para a progressão de regime de cumprimento de pena, o qual se reinicia a partir do cometimento dessa infração'.

Esse entendimento foi sintetizado pela Terceira Seção do Superior Tribunal de Justiça no julgamento do EREsp 1.176.486, o qual consignou que “[...] o cometimento de falta grave pelo sentenciado no curso da execução da pena, nos termos do art. 127 da Lei 7.210/84, implica [...] nova fixação da data-base para concessão de benefícios, exceto livramento condicional e comutação de pena” (EREsp 1.176.486, Rel. ministro Napoleão Nunes Maia Filho, 3ª S., DJe 1º/6/2012).

Quanto ao tema, rememoramos as Súmulas n. 441 e 535 do STJ, a seguir reproduzidas, respectivamente:

'A falta grave não interrompe o prazo para obtenção de livramento condicional'.

'A prática de falta grave não interrompe o prazo para fim de comutação de penas ou indulto'.

**Dessa forma, se a data-base para a progressão de regime é a data do cometimento da infração, idêntico entendimento deve ser aplicado à hipótese de cometimento de crime no curso da execução, já que também constitui falta disciplinar de natureza grave.**

**Logo, a prática de fato definido como crime doloso no curso da execução constitui falta grave e ocasiona a alteração da data-base, configurando constrangimento ilegal nova alteração da data-base em razão da superveniência do trânsito em julgado de sentença condenatória.**

**Diante do exposto, pedindo vênias à divergência, acompanho o relator para negar provimento ao recurso especial, entendendo que se deve fixar a data da última prisão como marco interruptivo para concessão de benefício, no caso de crimes cometidos antes da execução da pena, e, nos casos de delitos cometidos no curso da execução, a data do cometimento da última infração disciplinar (último fato criminoso)."**

No caso dos autos, o acórdão impugnado entendeu que a data-base para a concessão de futuros benefícios seria a data do trânsito em julgado da última condenação, o que diverge da orientação firmada pela Terceira Seção do STJ.

Ante o exposto, nos termos do art. 34, XX, do Regimento Interno do STJ, **não conheço do habeas corpus**, mas **concedo a ordem, de ofício**, para fixar a data da última prisão como marco interruptivo para concessão de benefício, no caso de crimes cometidos antes da execução da pena, e, nos casos de delitos cometidos no curso da execução, a data do cometimento da última infração disciplinar (último fato criminoso), ressaltando da nova data-base o termo *a quo* para o livramento condicional, a comutação de penas e o indulto (Súmulas 441 e 535 do STJ).

Publique-se. Intime-se.

Brasília (DF), 20 de fevereiro de 2019.

**MINISTRO RIBEIRO DANTAS**

Relator

